

## NOVO ENSINO MÉDIO EM SANTA CATARINA E A EDUCAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO

Aline Daniel dos Santos<sup>1</sup>

Franciele Soares dos Santos<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo está articulado a pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em Educação, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Francisco Beltrão (UNIOESTE-FB), intitulada como “O novo ensino médio na Escola de Educação Básica João Roberto Moreira – São Domingos – SC: implicações da educação empreendedora na formação dos jovens”. Objetiva refletir sobre o Novo Ensino Médio em Santa Catarina- NEM/SC, dando ênfase a inserção do empreendedorismo enquanto eixo estruturante na formação da (s) juventude (s). Para tanto, analisa o componente curricular educação empreendedora, voltado a formação de um novo sujeito: “o sujeito empreendedor”. Pautado em um discurso ideológico, o empreendedorismo emerge, no NEM como forma de “combate aos problemas formativos e estruturais vivenciados por esta etapa da educação básica”. A metodologia adotada foi estudo bibliográfico de autores como: Araújo (2019), que explana sobre o NEM e a desigualdade e diferenciação na formação; Dardot e Laval (2016); Laval (2019); Freitas (2018), os quais destacam o entrelaçamento das políticas neoliberais e o empresariamento da educação; Reis (2019); Coan (2011); Costa e Caetano (2021), que analisam a ideologia do empreendedorismo na formação da juventude; Antunes (2000; 2009; 2020), Antunes e Pinto (2017), expõem a precarização das novas formas de trabalho; Dolabela (2003), autor que defende a educação empreendedora. No texto, primeiramente, abordaremos aspectos do empreendedorismo na educação, e posteriormente a educação empreendedora como componente curricular na formação da (s) juventude (s) no NEM/SC. Como resultado, destacamos que o NEM agrava, ainda mais, a desigualdade e diferenciação na educação da classe trabalhadora, articulando a educação dos jovens às novas formas de organização do trabalho produtivo. O empreendedorismo, assume papel determinante nesse processo, pois sustenta o interesse do empresariado na educação, que atende, a lógica do mercado, da precarização e da uberização do trabalho.

**Palavras-chave:** Novo ensino médio, Empreendedorismo, Juventude (s), Formação.

### Introdução

A ideologia do empreendedorismo cumpre uma função social, por meio desta, faz emergir um trabalhador de novo tipo. Este por sua vez, demonstra-se instável e inseguro. O empreendedorismo, na medida em que precariza o trabalho, oculta a divisão da sociedade por

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, UNIOESTE-Campus de Francisco Beltrão-PR.  
Email: [alinesantos@sed.sc.gov.br](mailto:alinesantos@sed.sc.gov.br).

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), professora do curso de Pedagogia e do Programa de pós-graduação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE-FB. E-mail: [sfrancielesoares@gmail.com](mailto:sfrancielesoares@gmail.com)

classes sociais. Nesse sentido, este artigo possui o intuito de refletir sobre o empreendedorismo e sua inserção como eixo estruturante no Novo Ensino Médio em Santa Catarina, para tal, analisamos o Componente Curricular Eletivo Educação Empreendedora e suas implicações para a formação dos jovens. É observado que ao inserir-se na educação o empreendedorismo vem atrelado a formação de um novo sujeito trabalhador, “o sujeito empreendedor de si mesmo”.

Para tanto, utilizamos como recurso metodológico o estudo bibliográfico de autores como, Araújo (2019), que explana sobre o NEM e a desigualdade e diferenciação na formação; Dardot e Laval (2016); Laval (2019); Freitas (2018), os quais destacam o entrelaçamento das políticas neoliberais e o empresariamento da educação; Reis (2019); Coan (2011); Costa e Caetano (2021), que analisam a ideologia do empreendedorismo na formação da juventude; Antunes (2000; 2009; 2020), Antunes e Pinto (2017), expõem a precarização das novas formas de trabalho; Dolabela (2003), autor que defende a educação empreendedora, entre outros que dialogam com a temática.

No texto, primeiramente, é exposto o contexto social de que emerge o empreendedorismo, tendo em vista o desemprego estrutural como alavanca central para a disseminação da ideologia empreendedora. Abordaremos aspectos da inserção do empreendedorismo na educação básica, para tal fazemos uma análise do Novo Ensino Médio (NEM) em Santa Catarina e o Componente Curricular Eletivo Educação Empreendedora, com vistas as implicações deste para a formação dos jovens. Concluímos o texto, destacando que o NEM amplia a desigualdade e a diferenciação na educação da classe trabalhadora, para tal, articula a educação dos jovens as novas formas de organização do trabalho produtivo, e o empreendedorismo, exerce papel fundamental, atendendo a lógica do capital, que precariza e uberiza o trabalho.

### **Referencial teórico**

Na atualidade, o desemprego estrutural, a fragmentação e precarização do trabalho, faz-se surgir um trabalhador de novo tipo, ou, o novo proletariado de serviços. Conforme Antunes, esse novo proletário “[...] aparece nesse personagem como descrente em relação ao futuro, resignado e ao mesmo tempo descontente quanto ao presente” (2020, p. 25). Observa-se nessa nova forma de trabalho a instabilidade e insegurança como constantes, pois, o trabalho nessa constante não é determinado pela quantidade de horas trabalhadas, muitas vezes sem contrato,

consequentemente não possuem direitos assegurados, assim podemos chamar, o trabalho intermitente, onde as grandes empresas se aproveitam (exploram) dos trabalhadores, “[...] expande-se a “uberização”, amplia-se a “pejotização”, florescendo uma nova modalidade de trabalho: o escravo digital. Tudo isso para disfarçar o assalariamento” (ANTUNES, 2020, p. 25).

Em face desse cenário, o empreendedorismo, surge como uma palavra mistificadora. Conforme Antunes (2020), ela expressa, que basta o indivíduo querer que ele consegue, utilizando-se da imagem ilusória da prosperidade, instiga os indivíduos, principalmente os jovens, a serem empreendedores, retirando-se da condição de ser assalariado. Possui como ferramenta para expansão do seu discurso ideológico a mídia, atraindo os indivíduos para fazerem parte desse novo proletariado, que não é submisso conforme o seu discurso, é patrão e empresário de si mesmo. Dessa maneira,

A ideologia do empreendedorismo busca adequar os trabalhadores/empreendedores as condições atuais de mercado, ao mesmo tempo em que oculta a divisão da sociedade em classes sob o argumento fictício de que todos podem ser donos de negócios. Representa, portanto, os interesses da classe dominante como se fosse o interesse geral da sociedade e, ao fazê-lo, naturaliza o desemprego e precarização do trabalho que avança a cada dia (REIS, 2019, p. 62).

Nesse sentido, Antunes, utiliza a expressão em destaque aos empreendedores, como “[...] uma mescla de *burguês-de-si-próprio* e *proletário-de-si-mesmo*” (2020, p. 36, grifos do autor), afirma que essas novas formas de trabalho ocultam o assalariamento por meio do trabalho autônomo, enfatiza como exemplo dessa nova categoria, a empresa Uber,

[...] trabalhadores e trabalhadoras com seus automóveis, isto é, com seus instrumentos de trabalho, arcam com suas despesas de seguridade, com gastos de manutenção dos veículos, de alimentação, limpeza etc., enquanto o “aplicativo” – na verdade, uma empresa privada global de assalariamento disfarçado sob a forma de trabalho desregulamentado – apropria-se do mais-valor gerado pelo serviço dos motoristas, sem preocupações com deveres trabalhistas historicamente conquistados pela classe trabalhadora (ANTUNES, 2020, p. 37).

Com este exemplo, podemos analisar, o quanto o capital explora da classe que trabalha, a lucratividade é acima de tudo o que importa, o sujeito é esquecido, é coisificado, visto como um mero objeto a ser manipulado, submetidos a nova organização do trabalho, “[...] com

contratos “zerados”, “uberizados”, “pejotizados”, “intermitentes”, “flexíveis”, os trabalhadores ainda são obrigados a cumprir “metas”, impostas frequentemente por práticas de assédio capazes de gerar adoecimentos” (ANTUNES, 2020, p. 37).

É possível dizer que há um desmonte na esfera trabalhista, com isso, começam a se elevar os índices de desemprego estrutural, e as formas precarizadas do trabalho, a instabilidade é constante, e atormenta todos os trabalhadores. Para Antunes, o trabalhador torna-se “[...] um déspota de si próprio. Ele é instigado a se autorreprimir e se punir, se a sua produção não atingir a chamada “qualidade total” (essa falácia mistificadora do capital)” (2009, p. 203). O autor ainda caracteriza esse processo como “envolvimento manipulado”, onde ocorre o estranhamento do trabalho, ou da alienação do trabalho que é “[...]interiorizada na “alma do trabalhador”, levando-o a só pensar na produtividade, na competitividade, em como melhorar a produção da empresa, da sua “outra família”. [...] é o trabalhador pensando para o capital (ANTUNES, 2009, p. 203, grifo do autor).

Conforme Antunes (2020), a empresa nessas últimas décadas, destaca nas suas formas de trabalho uma “trípode destrutiva”, das quais fazem parte a terceirização, a informalidade e a flexibilidade como inseparáveis, assim destaca o autor, que presenciamos, a expansão da uberização do trabalho. Tendo em vista essa destrutividade do trabalho, ameniza e suaviza os acontecimentos, ressignificando palavras, e ao tratar de seus trabalhadores, os chamam de colaboradores, parceiros, entre outras palavras utilizadas para causar boa impressão. Nesse sentido, busca-se por meio da educação formar o sujeito que precisa, com um perfil profissional empreendedor e flexível.

Logo, o empreendedorismo exerce importante função para a reprodução do capitalismo. Ferraz e Ferraz (2020), ao citarem Sandoval (2020), afirmam que “[...] o empreendedorismo canaliza a atividade humana, dada a sua lógica capitalista, reduzindo-a ao individualismo, à competição e à racionalidade instrumental, não sendo possível, portanto, mobilizá-lo sob uma perspectiva progressista” (p. 106). Nesse sentido, defendemos a tese de que, o empreendedorismo amplia a desigualdade social existente (ARAUJO, 2019), alicerçando-se na precarização do trabalho, bem como, na exploração do trabalhador. Analisamos que a problemática do empreendedorismo não está somente entrelaçada, ao viés de uma ideologia empreendedora, mas também, está nas relações sociais, as quais, são determinantes para esse sujeito (FERRAZ; FERRAZ, 2020).

Nessa perspectiva, para Reis, “o empreendedorismo se constitui num fenômeno que leva ao avanço da irracionalidade da vida político-social e de desorganização de formas progressas de vida, fundado na hegemonia dos novos arranjos produtivos flexíveis” (2019, p. 123). De acordo com autor, a ideologia do empreendedorismo, exige uma nova organização do Estado, conforme já mencionado, que passa a se chamar, Estado neoliberal, este caracteriza-se pelas políticas que promovem o capital, e está presente em diferentes contextos, como, nas determinações comportamentais para a produtividade e nas políticas de controle sob a população desempregada.

Desde a década de 1990, no Brasil, estudos tem demonstrado, o despertar do interesse do empresariado ao horizonte pedagógico, para alguns autores, os empresários haviam percebido o “valor da educação”. Assim, com as inovações tecnológicas implementadas pelas empresas, haveria necessidade de intelectualização do trabalho e a elevação da qualidade educacional dos trabalhadores. Todavia, é analisado também que o objetivo do empresariado estava mascarado, a pretensão dos empresários de sua inserção no âmbito educacional era uma só, formar os trabalhadores para cumprir com as necessidades do capital (RODRIGUES, 2002).

Nessa lógica, o empreendedorismo, insere-se no âmbito educacional, enquanto política neoliberal, como o projeto pedagógico dominante, veicula a educação ao mercado de trabalho, com vistas a pedagogia do capital, das competências e da empregabilidade. O capital vê na educação, a forma de concretizar seu maior objetivo, que é formar um cidadão mínimo, acessível a manipulação e a exploração (FRIGOTTO, 2002).

De acordo com Oliveira (2023), o capital busca caminhos que aprofundam e naturalizam a exploração do trabalhador, conformando assim a subjetividade do trabalho em sua nova forma de organização. Sob essa ótica, o discurso ideológico empreendedor trazido pelas políticas neoliberais, que chegam à educação básica, mascara e oculta a precarização e a informalidade. Com uma lógica destrutiva, busca formar os jovens trabalhadores para a desqualificação e o desemprego. O autor afirma que,

[...] o empreendedorismo, cuja implementação atual está subordinada e interligada ao desemprego, à informalidade e a precarização, cria condições para o aprofundamento da alienação e da fetichização, uma vez que em um contexto em que cada trabalhador é autônomo e trabalha para si, as causas da intensificação, da desigualdade e da exploração tornam-se cada vez mais ocultas (OLIVEIRA, 2023, p. 3).

É nesse movimento que ocorre a formação de empreendedores, os quais, naturalizam o desemprego estrutural, como falta de esforço dos sujeitos, bem como, acostumam-se com a ideia do trabalho precarizado e da informalidade. Ocorre neste momento, o que Dardot e Laval (2016) chamam de empresariamento do sujeito, o qual conforme Antunes (2020), o sujeito acredita ser o patrão ou muitas vezes o sócio da empresa, enquanto seus direitos trabalhistas são retirados, esse sujeito esquece suas perspectivas futuras, pois vive um momento de constante insegurança.

De acordo com Coan (2011), no Brasil, o empreendedorismo na educação básica, surge primeiramente como uma disciplina, fora dos currículos, ou seja, extracurricular. Contudo, o auge dessa trajetória do empreendedorismo na educação básica, se estabelece com a proposta de uma pedagogia empreendedora, idealizada por Fernando Dolabela. Os discursos apresentados pelo empreendedorismo, e que é direcionado aos jovens, se relaciona com o protagonismo, bem como com a visão de empoderamento. Nesse sentido, Reis, esclarece que, “ao invés de procurar empregos, que são insuficientes em relação a demanda, os jovens empreendedores seriam capazes de investigar oportunidades, promover ações efetivas e inovadoras, e gerar empregos e desenvolvimento” (2019, p. 80).

No Novo Ensino Médio em Santa Catarina a educação para o empreendedorismo é inserida por meio do componente curricular educação empreendedora. De acordo com Coan (2013), desde os anos de 1990, a educação para o empreendedorismo ganha destaque, por meio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 1998). Pois, se acresce um quinto pilar na política educacional, aos quatro já existentes desde 1996, o “aprender a empreender”. Este, constitui-se então, como um eixo que passa a nortear o campo educacional.

O empreendedorismo é um dos quatro eixos estruturantes do NEM, conforme já mencionado, os itinerários formativos estão integrados de acordo com a portaria nº 1.432/2018. Nesse contexto, o empreendedorismo emerge, no âmbito do NEM como forma de combate aos problemas estruturais vivenciados por esta etapa da educação básica. Assim, “[...] o discurso sobre o empreendedorismo, embebido de valores liberais, prima por ocultar as causas dos problemas sociais, apresentando-os, inclusive, como desafios a serem superados com iniciativa e proatividade individual” (COAN, 2013, p. 13).

Portanto, a educação torna-se mercadoria e é disputada pelo empresariado, que quer o seu controle, observamos isso com as reformas do currículo educacional, ou seja, dá-se prioridades a lógica do mercado, precarizando o ensino. Limita-se os conhecimentos da

formação geral básica estabelecido no currículo do NEM, já que esta passa a requerer o desenvolvimento de competências e habilidades específicas<sup>3</sup>. Obtemos elementos para observação de que o empresariado que controla a educação, não quer da juventude um pensamento crítico, pelo contrário, quer que possuam conhecimentos os quais atendam prioritariamente a lógica de mercado, conforme Coan, “[...] o discurso corrente é o de que se tornou necessário ao trabalhador estar provido de novas competências e habilidades para que consiga adquirir conhecimentos que gerem valor” (2013, p. 3).

O conceito do empreendedorismo trazido pela BNCC associa-se à inovação e a modernização. Conforme Oliveira, “[...] o empreendedorismo é, assim, apresentado como uma solução viável e exequível para uma série de problemas que compõem o momento de crise” (2023, p. 13). Enquanto, no NEM, o eixo estruturante do empreendedorismo é entendido com a finalidade de ampliar a aprendizagem nas áreas de conhecimento ou uma formação técnica e profissional do jovem, procurando desenvolver as habilidades e competências para atuar em um mundo de trabalho dinâmico e resolver problemas na vida cotidiana com autonomia. Oliveira (2023), menciona que, à lógica empreendedora busca por meio da educação naturalizar esta prática, formando sujeitos preparados e conformados, que veem no empreender seu meio de sobrevivência, tendo em vista a falta dos empregos formais.

A Educação Empreendedora, é um, dentre os vinte e cinco componentes curriculares eletivos ofertados no currículo do Estado de Santa Catarina.

O Componente Curricular Eletivo de Educação Empreendedora propõe a realização de ações que apoiem os(as) estudantes a desenvolver competências e conhecimentos empreendedores; a identificar possibilidades de atuação empreendedora, tendo em vista o bem comum do território; e a construir planos de negócio na perspectiva do empreendedorismo empresarial (SANTA CATARINA, 2020, p. 253).

Vale ressaltar que, esse CCEs é encontrado no Caderno 4 (2021). Nesse sentido, o CCEs Educação Empreendedora, justifica-se, conforme o documento, por propiciar a interlocução de conhecimentos do empreendedorismo às vivências dos jovens. Dessa forma, promove o

---

<sup>3</sup> Na tentativa de compreender sobre as competências socioemocionais, propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017, é analisado que o documento traz as competências socioemocionais como o estudo das emoções, tendo em vista que, estão presentes em todas as dez competências estabelecidas pelo documento. Nesse sentido, a BNCC define competência como “[...] a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (2017, p. 10).

autoconhecimento, e o entendimento do outro, dos problemas da sociedade em que vive, no intuito de articular soluções pelo bem da comunidade. Explana que esse CCEs, impacta na formação dos jovens, promovendo o desenvolvimento da criticidade, criatividade, autonomia, senso de responsabilidade, liderança, persistência, o protagonismo e o trabalho em equipe. No entanto, destaca que, deve-se preparar os jovens para uma leitura da realidade, visando o enfrentamento de desafios sociais, econômicos, ambientais e/ou tecnológicos, tomando decisões éticas. O componente pauta-se no desenvolvimento de “[...] atitudes empreendedoras, fundamentos de economia e modelagem de negócio, vem preencher uma lacuna na formação dos (as) jovens e atender à demanda de uma escola atualizada e atuante no tocante à escuta dos discentes e das necessidades da sociedade” (SANTA CATARINA, 2021, p. 181).

O CCEs fala sobre os estudantes, que devem demonstrar atitudes empreendedoras em seu cotidiano, desenvolvendo a criatividade; destaca, a busca pela realização de interesses individuais e coletivos através das práticas aprendidas no ambiente escolar, para que possam servir em suas relações e ao seu futuro profissional; os estudantes ainda devem, possuir metas e objetivos delineados, com interesses direcionados ao meio e ao mercado empreendedor; a postura de liderança, também é destaque, promovendo ações que contribuam para a resolução de problemas em benefício de todos (SANTA CATARINA, 2021).

Sobre o comprometimento dos professores para com o componente, é citado o interesse pelo desenvolvimento de estratégias que estimulem o estudante ao empreendedorismo, ressaltando suas potencialidades; possuir habilidade para repassar informações sobre o universo empreendedor, trazendo os fatos históricos e atualidades sobre o empreender; conhecer as ferramentas que possibilitem as atividades empreendedoras, bem como, entender o componente e os recursos utilizados, como, materiais didáticos, ferramentas administrativas e empresariais, e as tecnologias digitais (SANTA CATARINA, 2021).

Este componente curricular eletivo é dividido em três unidades temáticas, a primeira, é “Introdução ao empreendedorismo”; a segunda, é “Empreendedorismo: Social e Sustentável”; e a terceira, é “Empreendedorismo Empresarial”. Um ponto o qual nos chama a atenção, que aqui será destacado são alguns objetivos de aprendizagem deste componente curricular: Desenvolver competências socioemocionais como, autonomia nos estudos, proatividade, autoconfiança e senso de responsabilidade; e, ser protagonista no mundo e para o trabalho, por meio de ações empreendedoras.

Ao observar o descrito acima, vemos que a educação empreendedora emerge como resposta aos problemas de empregabilidade social, vem como solução e discurso de preparar o jovem com habilidades socioemocionais, as quais serão exigidas dele quando inserido ao



mercado de trabalho, pois, devido as constantes transformações tecnológicas o jovem deve ser capaz de criar, inovar, adaptar-se as mudanças, planejar, solucionar problemas, entre outras habilidades contextualizadas para enfrentar os desafios do século XXI. De acordo com Freitas,

Os cidadãos estão igualmente inseridos nessa lógica e seu esforço (mérito) define sua posição social. [...] O modelo fundamental das relações humanas nessa sociedade é o “empreendimento” que expressa o “empreendedorismo” dos seres humanos, constituindo a fonte de liberdade pessoal e social e cuja organização mais desenvolvida é a “empresa” (2018, p. 31).

Ainda, como sugestões do percurso formativo nesse componente, no que se refere à Introdução ao Empreendedorismo, primeiramente é analisado o contexto em que o jovem está inserido, tendo em vista, seus interesses. Nesse sentido, é realizado um mapeamento das expectativas no componente. Nessa fase inicial, o empreendedorismo é conceituado, e permite ao jovem o estabelecimento de metas pessoais. Ao professor, cabe desempenhar a função mediadora, entre as expectativas dos jovens e a realidade vivida e suas possibilidades de mudança (SANTA CATARINA, 2021).

A segunda unidade temática, compreende o Empreendedorismo: Social e Sustentável, o percurso formativo aqui, caminha inicialmente pela compreensão de aspectos sociais, econômicos e culturais do meio em que vivem. Nesse processo, o jovem deve identificar formas de participação na comunidade, por meio de práticas empreendedoras que visem enfrentar os problemas vivenciados. Assim, passamos para a terceira e última unidade temática, o Empreendedorismo: Foco Empresarial, esse percurso, oferece ao jovem o conhecimento do empreendedorismo nas práticas do mercado de trabalho, destacando tópicos como: o intraempreendedorismo (permanência no mercado de trabalho), o empreendedorismo social (participação na sociedade), e o empreendedorismo empresarial (fatores econômicos). O conhecimento dos empreendedores locais de sucesso, faz parte desta última temática, como atividade final desse CCEs, os estudantes devem construir seus próprios planos de negócios.

Observamos que, com o CCEs, há o alargamento de uma formação voltada a lógica capitalista, de mercado de trabalho, formando um jovem trabalhador flexível, com os discursos pautados no empreendedorismo, no mérito e esforço pessoal. Conforme Costa e Caetano (2021, p. 6) “[...] a educação passa a ter nova centralidade voltada ao empreendedorismo, especialmente para os jovens, em detrimento de políticas públicas de emprego e renda”. Assim, podemos afirmar que são organizadas novas formas de alienar trabalhador para sua inserção neste modelo produtivo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante das reflexões realizadas neste texto, destacamos como resultado a compreensão de que na atualidade os jovens são “[...] motivados a inovar e a criar novas e rápidas respostas para as dificuldades da realidade, os estudantes desenvolvem posturas almejadas pelo mercado” (ESTORMOVSKI, 2021, p. 6). Apoiamo-nos na tese de que o empreendedorismo emerge como solução do capital, para as problemáticas existentes, e se dissemina no âmbito educacional, concordamos assim com Reis, que argumenta, “[...] o empreendedorismo tem ganhado proeminência nos meios de comunicação e nos discursos sobre a educação como uma solução para os problemas do capitalismo contemporâneo, a exemplo das crises econômicas, do desemprego crônico e da informalidade” (2019, p. 15). Além disso, o receituário do empreendedorismo focaliza no mérito e no esforço dos sujeitos para o sucesso no trabalho e na vida, sob o argumento de que a igualdade de oportunidades é dada de forma igualitária a todos os indivíduos na escola; a diferença ocorre devido à dedicação de cada um.

O Componente Curricular Educação Empreendedora no NEM-SC, é articulado pela lógica capitalista, assim sendo, expressa a tentativa de naturalização dessa forma de trabalho na sociedade, tendo em vista a escassez de empregos estáveis. Isso faz com que os jovens normalizem o trabalho informal, precário e inseguro. Integra em seus conteúdos, competências e habilidades de que os jovens devem possuir, como, o enfrentamento de um mundo de incertezas, observando suas qualidades e fragilidades, o individualismo na luta pela sobrevivência do mais forte, daquele que sabe aproveitar as oportunidades, assim, o empreendedor de sucesso é aquele que se esforçou e dedicou-se para alcançar seus ideais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou discutir e analisar, mesmo que brevemente, o componente curricular educação empreendedora, voltado a formação de um novo sujeito: “o sujeito empreendedor”. Como vimos, o empreendedorismo é o meio com que o capital utiliza para a dominação da classe trabalhadora, com seu discurso solucionista, insere-se nas subjetividades, principalmente como forma transformadora de sua realidade. A prática empreendedora, expressa-se pelo trabalho incessante e sem momentos de lazer, que o sucesso será alcançado através do intenso esforço e dedicação, que quem realmente quer consegue, nesse sentido, essa prática não cumpre sua promessa, e acaba “[...] tornando apenas um mecanismo de romantizar

a exploração e a intensificação do trabalho, uma vez que a grande maioria dos empreendedores não conseguem, sequer, fazer dos seus respectivos empreendimentos, uma alternativa ao desemprego” (OLIVEIRA, 2023, p. 19).

Por fim, afirmamos que a formação das juventudes pautada no empreendedorismo, como está explícito na proposta do NEM-SC, reflete ainda mais a diferenciação educacional já existente, “[...] marcado por uma perspectiva reducionista de ensino, reservou aos estudantes da classe trabalhadora, o desenvolvimento de habilidades cognitivas instrumentais, caracterizando uma formação que atende aos interesses da burguesia” (COSTA; CAETANO, 2021, p. 3).

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 2ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho intermitente e uberização do trabalho no limiar da Indústria 4.0. In: ANTUNES, Ricardo. **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 7ª. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

ANTUNES, Ricardo; PINTO, Geraldo Augusto. **A fábrica da educação: da especialização taylorista à flexibilização toyotista**. São Paulo: Cortez, 2017.

ARAÚJO, Ronaldo M.L. **Ensino Médio Brasileiro: dualidade, diferenciação escolar e reprodução das desigualdades sociais**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2019.

COAN, Marival. **Educação para o empreendedorismo: implicações epistemológicas, políticas e práticas**. Tese (Doutorado em educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

COAN, Marival. A educação para o empreendedorismo como estratégia para formar um trabalhador de novo tipo. **Revista Labor**, nº 9, v.1, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/23373>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

COSTA, Marilda de Oliveira; CAETANO, Maria Raquel. Um novo ethos educacional no ensino médio: da formação integral ao empreendedorismo. **Revista Exitus**, Santarém/PA, vol.11, p. 01-24, 2021. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1655>. Acesso em: 15 de junho de 2023.

ESTORMOVSKI, Renata Cecilia. O currículo escolar como formador do sujeito empreendedor para o capital. **Linhas Críticas**, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, v. 27, 2021,

p.1-16. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/36828> . Acesso em: 15 de junho de 2023.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOLABELA, Fernando. **Pedagogia empreendedora**. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.

FERRAZ, J. de M., & FERRAZ, D. L. da S. Do espírito do capitalismo ao espírito empreendedor: a consolidação das ideias acerca da prática empreendedora numa abordagem histórico-materialista. *Cadernos EBAPE.BR*, 20(1), 105–117, 2022. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/85313> . Acesso em: 16 de maio de 2023.

FREITAS, Luiz Carlos. **A reforma empresarial da educação: Nova direita, velhas ideias**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (orgs). **A experiência do trabalho e a educação básica**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino médio**. São Paulo: Boitempo, 2019.

OLIVEIRA, Tiago F. A barbárie neoliberal e a escola: a formação de empreendedores para um mundo sem direitos e sem emprego. **Trabalho necessário**, v. 21, n. 44, p. 1-24, jan-abr, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/57268> . Acesso em: 23 de maio de 2023.

REIS, Luiz Henrique Fernandes. **Juventude LTDA.: A ideologia do empreendedorismo na formação dos jovens do século XXI**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2019.

RODRIGUES, José. A educação e os empresários: o horizonte pedagógico do capital. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (orgs). **A experiência do trabalho e a educação básica**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SANTA CATARINA, SED. **Novo Ensino Médio Componentes Curriculares Eletivos: Construindo e Ampliando Saberes**. Governo de Santa Catarina, 2020. Disponível em: <https://www.sed.sc.gov.br/servicos/etapas-e-modalidades-de-ensino/29-modalidade-de-ensino/31310-novo-ensino-medio> . Acesso em: 15 de junho de 2023.

SANTA CATARINA, SED. **Currículo Base do Ensino Médio do Território Catarinense – Caderno 4 – Componentes Curriculares Eletivos: Construindo e Ampliando Saberes – Portfólio dos(as) Educadores(as)**. Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://sites.google.com/sed.sc.gov.br/nem-sedsc/curr%C3%ADculo-base-caderno-4?authuser=0> . Acesso em: 15 de junho de 2023.